

Marionetas de carne e osso. Objetos perdidos, achados e sonhados

CATARINA FIRMO

FESTIVAL DE MARIONETAS DO PORTO (FIMP'15), DE 9 A 18 DE OUTUBRO DE 2015

Título: Mystery Magnet. Encenação: Miet Warlop. Interpretação: Ondrej Vidlar, Fernando Belfiore, Kristof Coenen, Seppe Baeyens, Christian Bakalov, Sofie Durnez, Wietse Tanghe, Harold Henning, Laura Vanborm, Artemis Stavridi e Miet Warlop. Produção: CAMPO. Local e data de apresentação: Teatro Municipal Rivoli, 9 e 10 de outubro de 2015.

Título: Os Transportadores. Direção artística: António Oliveira. Interpretação e cocriação: António Oliveira, Bruno Machado, Joana Domingos, Julieta Rodrigues e Viriato Morais. Produção: Radar 360°. Local e data de apresentação: Teatro Municipal Rivoli, 16 e 17 de outubro de 2015.

Título: Objeto Encontrado Perdido. Conceito e direção: Igor Gandra e Carla Veloso. Interpretação: Carla Veloso, Hernâni Miranda e Igor Gandra. Produção: Teatro de Ferro. Local e data de apresentação: Teatro Carlos Alberto, 10 e 11 de outubro de 2015.

Título: Insomni. Produção: Playground. Direção, dramatização e interpretação: Xavier Bobés. Local e data de apresentação: Teatro Municipal Campo Alegre, 10 e 11 de outubro de 2015.

Título: Escombros. Produção: Circular Associação Cultural. Encenação: Joclécio Azevedo, Interpretação: Catarina Miranda, Ece Canli e Joclécio Azevedo. Local e data de apresentação: Teatro Carlos Alberto, 17 e 18 de outubro de 2015.

Título: Punch & Judy. Encenação e interpretação: Rod Burnett. Produção: Storybox Theatre UK. Local e data de apresentação: Teatro Nacional de São João, 17 de outubro de 2015.

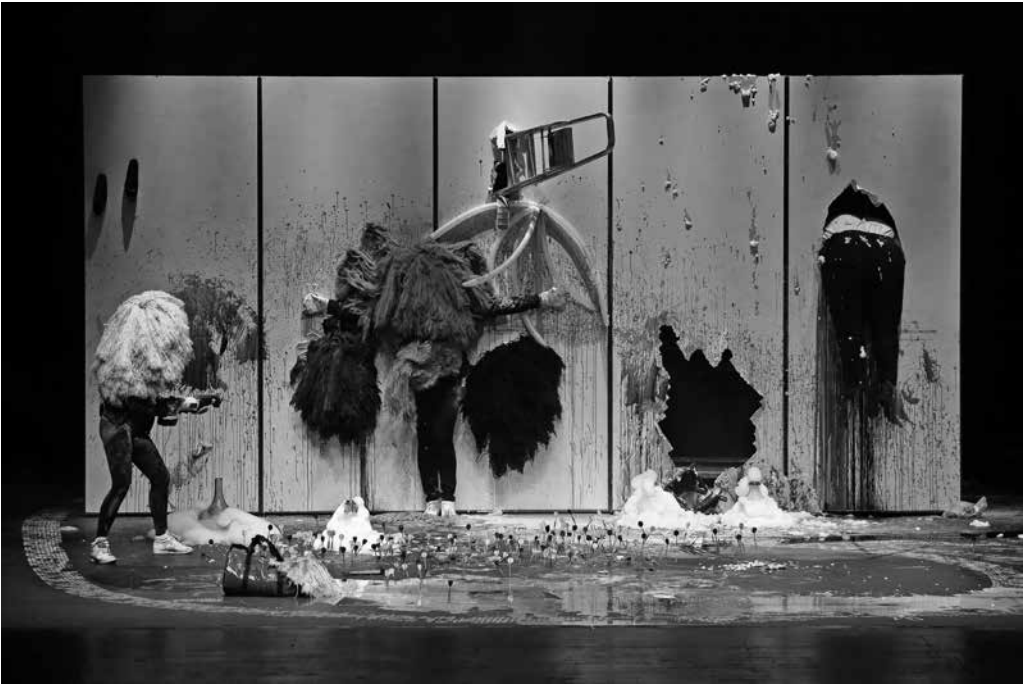
Título: Barba Azul. Encenação: Rui Queiroz de Matos. Interpretação: Micaela Soares, Rui Queiroz de Matos e Vasco Temudo. Produção: Teatro de Marionetas do Porto. Local e data de apresentação: Teatro Municipal Campo Alegre, 17 e 18 de outubro de 2015.

Título: Ma biche et mon lapin. Interpretação: Charlotte Blin e Julien Mellano. Produção: Collectif Aïe Aïe Aïe. Local e data de apresentação: Teatro Municipal Campo Alegre, 10 e 11 de outubro de 2015.

Título: Não Sei o Que o Amanhã Trará. Produção: Limite Zero. Encenação: Raúl Constante Pereira. Interpretação: Raúl Constante Pereira e Teresa Alpendurada. Local e data: Teatro Municipal Campo Alegre, 15 e 16 de outubro de 2015.

Com o *workshop* «A memória dos objetos», dirigido pelo catalão Xavier Bobés, apontaram-se as direções do Festival de Marionetas do Porto: questionar o lugar do objeto no nosso quotidiano, espelho das «nossas dúvidas, medos e alegrias», «sinais alarmantes da natureza humana e do nosso comportamento» (Programa FIMP'15). O espetáculo de abertura *Mystery Magnet*, de Miet Warlop, confirmou o desafio lançado. Personagens-objetos são explorados através dos corpos dos intérpretes, que surgem ocultados por materiais diversos (balões, tinta, franjas de esfregonas, crinas) deformados e conjugados em sequências de metamorfose e decomposição. Quando os espectadores entram no Rivoli, encaram um corpo enchumado deitado no palco e um ruído de pulsações em eco. O homem obeso levanta-se do chão, para se sentar num banco pequeno e baixinho. Começa a encher e manipular balões de formas. Corpos com cabeças cobertas por franjas de enormes esfregonas trazem uma mulher com a cara tapada pelo cabelo e dois balões em forma de estrela suspensos. É uma mulher marioneta que o homem dos balões vai articulando, na tentativa de lhe dar forma: enrola-lhe um balão à volta das pernas, tapa-a com um colchão insuflável, acrescenta mais balões. O desfile de corpos marionetizados prossegue, desviando o homem da sua ação quotidiana. As formas animadas que surgem em palco são o próprio corpo humano. É um espetáculo que explora o humor negro através do insólito, do inesperado. Pernas gigantes sem corpo urinam jatos de tinta. As personagens com cabeças de esfregona acabam a esvair-se em tinta e a ser desventradas, saindo franjas com cores garridas dos seus corpos. A sequência de ações alude num crescendo a uma violência clownesca. O último quadro cénico encerra com um coro de aspiradores, um tubarão insuflável a esvoaçar no meio dos escombros sobrevoando a plateia e balões suspensos em forma de estrela. Últimos sobreviventes de uma barbárie colorida.

São também marionetas habitadas por corpos humanos as que surgem em *Os Transportadores*, pela companhia Radar 360°. Neste espetáculo, premiado com a bolsa Isabel Alves Costa, os espectadores começam por deparar com a sala do Rivoli transformada. O chão está forrado com cartão de caixotes e fita castanha. A plateia foi coberta de rede verde de um lado e plástico azul ondulante do outro. Com o acesso à plateia vedado, o encontro entre público e atores é feito no mesmo lugar: o palco. É num palco



MYSTERY MAGNET, ENC. MIET WARLOP, 2015, [F] SUSANA NEVES



OBJETO ENCONTRADO PERDIDO, ENC. IGOR GANDRA E CARLA VELOSO, TEATRO DE FERRO, 2015 (HERNÂNI MIRANDA, CARLA VELOSO E IGOR GANDRA), [F] SUSANA NEVES



OS TRANSPORTADORES, ENC. ANTÓNIO OLIVEIRA, RADAR 360°, 2015 (JULIETA RODRIGUES), [F] SUSANA NEVES



INSOMNI, ENC. XAVIER BOBÉS, PLAYGROUND, 2015 (XAVIER BOBÉS), [F] SUSANA NEVES



ESCOMBROS, ENC. JOCLÉCIO AZEVEDO, CIRCULAR ASSOCIAÇÃO CULTURAL, 2015 (CATARINA MIRANDA, ECE CANLI E JOCLÉCIO AZEVEDO), [F] SUSANA NEVES

de sucata que somos acolhidos, povoado por sacos de lixo, carros de supermercado e de armazém, caixotes, escadotes, bilhas de gás, manequins. Recebem-nos marionetas gigantes habitadas com cabeças iluminadas. Não sabemos nunca de onde parte a ação cénica, na qual estamos integrados. Uma das esculturas animadas é uma mulher que se move com elegância e nos desvia com um gesto de mãos gracioso e autoritário. A sucata transforma-se em porto. Em barco. Em casa. O palco torna-se um *habitat* comum entre atores e espectadores. São personagens nómadas que nos interpelam e convidam a transitar com elas. No público há crianças que dançam, puxam as cordas dos barcos e adivinham as cenas que se seguem: «É a chuva. Quando ela começar a pedalar na bicicleta, vai acender-se o candeeiro.» Depois os corpos libertam-se das marionetas e vestem impermeáveis amarelos. Erguem estruturas em caixotes e constroem uma barca que parte a navegar pela plateia fora. Cruzando diferentes linhas estéticas como o Novo Circo, o Teatro de Formas Animadas e o Teatro Físico, experimentam-se modos de transfiguração do corpo através de marionetas humanas; corpos que se relacionam com matérias, criando novas formas de se instalar, se situar e transitar.

O Festival focou em grande plano uma linha do teatro de marionetas, onde os objetos não são necessariamente animados e dão protagonismo ao jogo de atores. Com marionetas criadas a partir de lixo, objetos abandonados, estragados, destituídos das suas funções, procurou reforçar-se a reflexão sobre o comportamento humano perante os materiais e as matérias. Em *Objeto Encontrado Perdido*, do Teatro de Ferro, explora-se a articulação entre corpos e objetos, alguns resgatados de outros espetáculos da companhia, outros encontrados em mudanças, num trabalho de pesquisa, experimentação e reflexão, «a partir das possibilidades que os corpos dos intérpretes encontram num conjunto de objetos recolhidos ao longo do processo de criação» (Programa FIMP'15). Há objetos perdidos e abandonados; há objetos deslocados das suas funções que se agregam aos corpos dos atores: o braço de um manequim, um extintor, um radiador, um altifalante. E há ainda objetos sonhados e imaginados. Duas mãos manipulam uma marioneta imaginária ou a ausência dela. Brinda-se sem copos. Aglomerados de membros em pêndulos suspensos descem a um estirador para serem reconstruídos e manipulados. Próteses do corpo? Marionetas? Um carrinho de

brincar é manipulado por arames. Taças que representam vitórias do passado acabam amontoadas depois de empurradas por um corredor rolante. O objeto surge como vestígio de memórias, emoções, rastros do imaginário.

Com *Insomni*, Xavier Bobès reflete alguns desafios propostos no *workshop* «A memória dos objetos»: «Mergulhar na poesia dos objetos quotidianos [...] despojados de conteúdo; tudo o que resta são os seus contornos, as suas silhuetas» (programa do FIMP'15). Uma personagem em estado de vigília come num prato de loiça lascada com uma colher ferrugenta. O objeto deformado pelo tempo torna-se um resíduo da memória, deslocado das suas funções.

Em *Escombros*, objetos e materiais de construção são trazidos à boca de cena. Estacas de madeira, baldes, pneus, pedras, púcaros, pregos, placas de alumínio. Num movimento circular de construção e desconstrução, os materiais são deslocados, empilhados e dispersados. Por momentos podemos pensar em trabalhadores de uma oficina, não fosse o rosto neutro e inexpressivo e o mecanismo automático dos corpos espectros. Corpos inanimados conjugam materiais em equilíbrio, produtores de ruído. Sísifos de hoje?

Noutros espetáculos criou-se espaço de maiores fronteiras entre manipuladores e manipulados, dando protagonismo às marionetas. Mas a visibilidade dos intérpretes manteve-se quer pela interpelação direta do público (*Punch and Judy*), quer pela manipulação à vista (técnica usada nos demais espetáculos). Com *Punch and Judy*, voltamos a marcar encontro no palco, desta vez no Teatro Nacional de São João. Rod Burnett cativa o público, recriando o ambiente do teatro de rua, onde Mr. Punch continua a contar com a adesão e participação dos espectadores, cúmplices do humor negro que reina no seu universo grotesco e anárquico.

Com o Teatro de Marionetas do Porto, o conto *Barba Azul* é resgatado por uma narrativa de maior onirismo. Marionetas e atores são pares complementares a tecer uma manta de retalhos onde as diferentes mulheres de Barba Azul se tornam Capuchinho Vermelho, Aurora Bela Dormente, Princesa Pele de Burro, Carochinha e Justina. Barba Azul acaba espalmado, e as suas mulheres libertadas abrem juntas um *fitness club*. Num cenário dinâmico povoado de efeitos audiovisuais, marionetas contracenam com atores, que prolongam o seu jogo cénico.

Em *Ma biche et mon lapin*, da companhia francesa Aïe Aïe Aïe, os atores recebem o público num ambiente intimista na sala do



PUNCH & JUDY, ENC. ROD BURNETT, STORYBOX THEATRE UK, 2015, [F] SUSANA NEVES



BARBA AZUL, ENC. RUI QUEIROZ DE MATOS, TEATRO DE MARIONETAS DO PORTO, 2015
(RUI QUEIROZ DE MATOS E VASCO TEMUDO), [F] SUSANA NEVES

Teatro do Campo Alegre, cumprimentando cada espectador com um aperto de mão. A mesa está posta com naperões e duas terrinas de loiça *kitsch*: um coelho e um veado. Abrem-se as terrinas e o som aumenta; descobrimos que nas cabeças dos animais se escondiam duas colunas. Na terrina do veado temos pão, e na do coelho paté. Diferentes pares de objetos vivem histórias de amor: o copo e a bebida; o guardanapo e o porta-guardanapo; um naperão e um canivete. Aparecem duas casas de campo vizinhas. A casa mais modesta é posta à venda; a outra torna-se hotel e depois discoteca; os atores dançam com luzes refletoras fluorescentes na boca animando um guardanapo e um canivete, que sucumbem a uma paixão adúltera. Os objetos servidos à mesa são animados pelo jogo paralelo dos atores.

Com *Não Sei o Que o Amanhã Trará*, da companhia Limite Zero, Fernando Pessoa é recriado através de diferentes tipos de marioneta: de corpo inteiro em miniatura, agregado ao corpo dos atores em marioneta de luva, com a cabeça suspensa num diálogo ternurento com Ofélia. O problema da identidade e a multiplicação das personalidades do Poeta instala-se à medida certa no jogo das marionetas que o humanizam. Deambulamos por uma pluralidade de vozes pessoas em marionetas de diferentes dimensões, escalas e matérias.

Durante o FIMP'15 desfilaram marionetas, objetos e figuras humanas em corpo a corpo. O público interpelado e convocado para a cena foi ao longo do festival desafiado no confronto entre corpos orgânicos e matérias em movimento. Lançando novos questionamentos sobre a ideia de manipulação, multiplicaram-se modos de dissimulação, transformação e deformação dos corpos atuantes, também eles marionetizados em estados de simbiose, vínculo e rutura com a matéria. Lembrando que «as marionetas são filhas do sonho», nas palavras de Anatole France, recriaram-se lugares de ingenuidade e encantamento, onde a matéria é incorporada enquanto prótese e *habitat*. Resgataram-se ainda objetos quotidianos deslocados e desprovidos de funções, testando as suas fronteiras, os seus limites e possibilidades de expressão. Marionetas de carne e osso marcaram encontros e desencontros com objetos portadores de memórias, histórias e experiências.



MA BICHE ET MON LAPIN, COLLECTIF AÏE AÏE AÏE, 2015 (CHARLOTTE BLIN E JULIEN MELLANO), [F] SUSANA NEVES



NÃO SEI O QUE O AMANHÃ TRARÁ, ENC. RAÚL CONSTANTE PEREIRA, LIMITE ZERO, 2015, [F] SUSANA NEVES